

Ocho que a crença no proselitismo é a afirmação de fé no movimento e na sua correspondência aos anseios de juventude. Seria ingênuo idealismo de minha parte se eu pensasse que massas de jovens abandonarão suas vidas confortáveis e seguras e se lançarão no caminho difícil e incógnito que é o nosso. Entretanto, nós um dia o fizemos. E fizemo-lo não em nome do sionismo-socialista, mas da correspondência do movimento à verdade de realização. A maioria de nós (tenho-o por mim) veio ao movimento por que este lhe dava um sentido de vida, uma razão para continuar vivendo. E esta qualidade (característica) o movimento ainda tem, assim como, apesar de tudo, a juventude ainda mantém valores críticos, inquietudes positivas, idealismo renovador. E os jovens que ~~condemnam~~ carregam em si estes valores se casaram, assim como ontem se casaram, com o movimento, instrumentos de fertilização e dinamização dele.

Entretanto, aqueles que acham que o proselitismo deve ser a tarefa central do movimento, têm também seu calcanhar de Aquiles, seu ponto vulnerável. "Até agora, 1 ano e alguns meses após termos adotado esta orientação, ela não frutificou. É uma verdade amarga, talvez a verdade mais amarga do movimento hoje em dia.

Porto Alegre foi um caso específico, onde condições e circunstâncias favoreceram (apesar de ter sido o único lugar onde ele foi feito como ~~na~~ devia: - com integralidade). O básico é São Paulo, e Rio. E pelo menos em São Paulo o proselitismo não foi feito. Entraram alguns jovens bons, que creio em breve poderão ser médicos. A Ein Dorat ganhou uma charerá excelente (uma tal de Berta), uma espécie de geniozinho em teatro, revelação nos exames da escola, neste ano. Está para entrar uma belga, Eveline, garota muito culta e muito inteligente (saindo do Hashomer, pelo motivo que nós criticamos nele, o simbolismo a educação, o dogmatismo, etc, sem conhecer-nos), com 16 anos, e não se sabe ainda se virá para a Ein Dorat (pela ~~st~~ cultura e maturidade) ou se para uma ~~brutya~~ ~~meia~~ jovem (A. d. d.). A Bárbara está muito próxima. A Noêmia vaiem que vir ao movimento (a dificuldade é de que ela não é proselitista e não ~~há~~ há para onde trazê-la - ~~abrutya~~ de magshimim não funciona e ele não tem muito tempo) somente que ainda não pôde vir. A irmã dela, excelente menina, se fixou bem, e será de grande valor. Entraram mais uns 2 ou 3 tipos simples.

É um mau sinal que se possa enumerar e até nomear os charerim que entraram no movimento. Estes entretanto quasi que vieram por si - um pouco empurrados, é certo - mas temos a repetir: o proselitismo não foi feito.

Mesmo se ~~o~~ não se conseguir nada com o proselitismo,

(5)

creio que devemos mantê-lo como palavra de ordem permanente, como permanente afirmação de nossa crença no movimento, em seus valores e em sua verdade.

Se a atividade de proselitismo é ilimitada, ou melhor, seu limite coincide com o do movimento - a juventude judaica do Brasil, tal não sucede com o trabalho educativo. Ele está limitado pelo no de madridim em 1º lugar, e em 2º pela qualidade dos mesmos. Se nos introvertêremos, o triângulo cujo ápice são os shlichot maiores e a base as menores diminuiria constantemente sua área, guardando sempre a proporção entre os shlichot maiores e menores, tendo aqueles cada vez mais diminuídos. Sabemos já que, embora o crescimento do chaver no movimento seja vertiginoso, ele não é tão rápido que possa, anualmente, substituir os chaverim que saem para a aliá. Sabemos também que são inevitáveis os abandonos. Somos um tanque com 2 toneiras de escapamento. E a toneira do "crescimento" não compensa as 2 de saída.

Quer porque seja a afirmação da ~~uma~~ verdade do movimento, quer porque é o único meio de existência, o proselitismo deve ser permanente a palavra de ordem do movimento, emanada de sua vontade de

atingir a tóde a juventude.

Muchem, creio que estamos vivendo os dias mais agitados que o movimento viveu desde a hapa. Os problemas se sucedem com tal rapidez que estonteiam. Problemas de shli-chut (que temos a 3x4, devido à falta de forças), de relações externas, finanças, etc, etc... e ainda agore a história do 6º e 7º jan.!

Por uma carta de Vadai Hatuna vi que os rumores sobre o "caso" com o H. Hatyai já chegam aos vossos ouvidos. Vou lhe dizer o que houve.

De acordo com a realuação do Kimmo, a Hatzaga estudou os passos táticos para o combate ao H.H. Resolvemos não participar com eles em realizações em nome de juventudes chaltzianas, juventudes sionistas, etc, mas somente cada qual como movimento, separadamente. Não participamos de combates (não sei se é este o nome, e o Biach não está aqui para perguntar-lhe, = cambalacho), etc. Aproveitar a imprensa e os meios de divulgação, próprios ou não, e constantemente, sem nos concentrarmos nisto, colocar artigos de esclarecimento e combate ideológico. Recomeçamos com a ~~coluna~~ coluna na Imprensa Israelite, sob o nome de Pinat Ichud. Publicamos, em português, um artigo denominado "Sionismo e Comunismo", que fez doer os calos dos shamraqs. Eles se dirigiram à Unificada, queixando-se de que nós os delatamos, que usamos meios baixos de denúncia à polícia. Na verdade não foi este o medo dos shamraques; ~~mas~~ como anteriormente já